PROJETO DE LEI 53-88

CURRÍCULO VITAE DE JOSÉ PEDRO BARBOSA

Nasceu no dia 25 de maio de 1906, na cidade de Salgueiro, no estado de Pernambuco.Ficou órfão aos seis anos de idade e foi morar em companhia de seus tios.

Antes mesmo de completar seus dezessete anos, já era soldado, membro de um batalhão, formado em Pernambuco.Sabendo-se da notícia de que, em Minas, precisava-se de militares, decidiu deixar Pernambuco e partiu para Minas, com esperança de prosseguir na carreira militar.Chegando na capital mineira, ingressou-se logo a um grupo de soldados que seriam mandados para uma pequena vila de Minas- Bom Despacho, onde seria formado o 7º Batalhão de Polícia Militar.Logo após o início de sua carreira militar em Bom Despacho, participou na revolução de 1932. Continuou como soldado durante nove anos, período em que se alfabetizou, tendo grande interesse por livros de Geografia e História.

Depois de ter dado baixa como soldado, continuou trabalhando como lavrador, o que levou a se filiar ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Faleceu no dia 19 de novembro de 1973, quando voltava de mais um dia de trabalho no campo.

Sua filha,

Valdira Maria Rezende Silva

Valdira M R Silva.

02-10-88

Tribuna Bondespachense

itizada, combativa, ıe sempre acalentou



Agora, cuidando do cemitério, onde descansa o Bruno.

Nossa casa na colônia ainda é um refúgio. Lá estão guardadas muitas de nossas lembranças. Os netos que hoje brincam entre as árvores representam a continuidade da vida. A colônia dos alemães já não existe mais. Mas a vida continua e a gente não pode perder a esperança que nos inspirou nesta travessia que não termina com a nossa caminhada.

P – Aí, Dona Dora, a senhora deve estar muito animada com as perspectivas de redemocratização do País, não está?

R – Claro!. . . Foi com emoção que vi o programa de televisão do Partido Comunista. Pena que o Bruno não tenha vivido o suficiente para perceber que a nossa luta não foi em vão. Valeu a pena ter lutado e sofrido. Valeu a pena ter resistido. Fomos perseguidos a vida inteira porque acreditávamos e continuamos acreditando que os homens nasceram iguais, possuem direitos iguais e não podem ser tolhidos em sua liberdade. Fomos perseguidos porque juntamente com outros companheiros trabalhadores organizamos uma pequena célula do Partido Comunista.

P – Comunista aqui em Bom Despacho?

R – Tínhamos um grupo pequeno. O José Pedro Barbosa, o Mané Comunista e outros que de vez em quanto freqüentavam nossas reuniões. A gente sempre teve uma admiração muito grande pelo grande líder Luiz Carlos Prestes. Sua mulher Olga Benário, entregue à Gestapo pela polícia do Estado Novo, também era uma figura admirável. Rosa de Luxemburgo e Karl Sichiknecht era uma de nossas admirações maiores. A gente gostava muito também do Armando Ziller, do David Capistrano e do Orlando Bonfim. O jornal do Partido era lido e comentado por nós.

P – E os tempos da ditadura?

R – Com a ditadura sofremos sempre. Nos tempos do Estado Novo ser Hitler. Mas o pessoal pouco entendia de política. Alemão era tudo considerado nazista. Aí a gente sofreu um pedaço.

Com a ditadura militar de 64 a repressão foi ainda mais dura. Fomos todos presos e transferidos para o DOPS em Belo Horizonte. A nossa sorte foi termos um conterrâneo delegado. José Maciel, irmão da Dona Liquinha, não permitiu que nenhuma violência fosse praticada contra a gente. Recebi muitas visitas na cela. O Iran Pessoa, filho do Zé Pessoa, foi um dos que me visitou na cadeia.

P – E depois?

R – Durante o tempo do regime militar a gente nunca teve tranqüilidade. De vez em quando a polícia nos intimidava. Nossa família sofreu muito com a instabilidade provocada pela insegurança política reinante no País. Foi um tempo muito duro. Sobretudo quando começaram a perseguir, torturar e matar as pessoas que ousavam enfrentar o regime. Muita gente desapareceu neste período de violência. O livro "Brasil Nunca Mais" mostra com clareza o que aconteceu. Assim mesmo a relação de mortos, torturados e desaparecidos não está completa. Falta, por exemplo, o nome do engenheiro Carlos Schirmer, assassinado pela polícia em Divinópolis. Foi ele o pioneiro da energia elétrica no Oeste de Minas e em Bom Despacho.

P – E Agora, D. Dora?

R – A luta continua. Jesus foi posto na Cruz, Tiradentes foi enforcado. O mundo está cheio de mártires e heróis. Pessoas que lutam pela liberdade porque sabem que o mundo não pode ser dividido entre senhores e escravos. Nós, comunistas, queremos que o homem viva em paz, com liberdade e não aceitamos a violência contra os fracos.

P – A senhora continua animada?

R – Mais do que animada. Faltam apenas 14 anos para chegarmos no século XXI. Em 4 de julho vou fazer 80 anos. Sou muito moça ainda. Nós, guerra. Outra guerra mundial não vai ocorrer. Se o Reagan quiser destruir o mundo sairá derrotado. A humanidade não permitirá que um novo genocídio seja praticado na face da terra.

P – Como fica o povo na história?

R – Fica muito bem. O povo brasileiro vai escolher seus representantes na Constituinte. Acho que seremos capazes de escolher homens independentes, íntegros e comprometidos com as lutas populares. Os Carlos Eloy, Raul Bernardo e outros que votaram contra as diretas serão aposentados pelo povo através do voto consciente. O Brasil, com as medidas econômicas adotadas pelo Governo, já está muito melhor. O povo ficará muito bem. Porque o poder emana do povo. E o povo brasileiro, como a gente de outros países, quer mesmo e viver em paz.

MEU PAI, UM HOMEM DE LUTA



No dia 25 de maio de 1906, nasceu José Pedro Barbosa, na cidade de Salgueiro, no estado de Pernambuco. Ficando órfão aos seis anos de idade, foi morar em companhia de seus tios, gente humilde e sofredora do Nordeste.

Nesta época começou a ter conhecimento dos tristes acontecimentos causados pelo rei do cangaço, no nordeste, o famoso "Lampião". Logo, ao completar seus quinze anos, enfrentou, juntamente com o seu tio e seu primo, pela primeira vez, o rei do cangaço do nordeste, o "Lampião", quando este invadiu a sua casa. Depois desse primeiro encontro com Lampião, frente a frente, tornou-se rotineiro lutar contra ele, no sofrido sertão nordestino.

Antes mesmo de completar seus dezessete anos, já era soldado, membro de um batalhão, formado em Pernambuco, com o objetivo de perseguir e acabar com Lampião.

Depois de muita luta e sofrimento na perseguição de Lampião, José Pedro Barbosa e um grupo de amigos, sabendo-se da notícia de que, em Minas, precisava-se de militares, decidiram deixar Pernambuco e partiram para Minas, com esperança de prosseguirem na carreira militar, com melhores condições de vida. Após uma longa e penosa viagem, chegaram na capital mineira; ingressando-se logo a um grupo de soldados que seriam mandados para uma pequena vila de Minas – Bom Despacho, onde seria formado o 7º Batalhão de Polícia Militar. Logo após o início de sua carreira militar em Bom Despacho, participou na revolução de 1932, onde se destacou como um corajoso soldado. Continuou como soldado durante nove anos, período em que se alfabetizou, tendo grande interesse por livros de Geografia e História, marxistas, conscientizando-se, assim, da necessidade da luta de classes para a defesa dos direitos dos trabalhadores rurais, que, naquela época eram totalmente marginalizados. Para isto, José Pedro Barbosa contou sempre com o apoio de sua grande Amiga, D. Dora que fazia chegar até ele mensagens, livros jornais que descreviam o grande ideal vivido por ele naquela época. Foram estes motivos que o levou a se demitir do 7º B.P.M, depois de ter prestado nove anos de serviço, nesta unidade militar, pois isso o deixaria livre para viver melhor esta nova descoberta de sua vida. Continuou estudando, pesquisando e descobrindo novos caminhos para lutar em prol da classe trabalhadora. Foi aí que começaram as lutas, as perseguições, chegando a ser preso várias vezes. Mas, apesar de tudo isso, chegaram a fundar em Bom Despacho, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no qual José Pedro Barbosa teve uma participação ativa, conseguindo que vários trabalhadores rurais se filiassem ao movimento, tendo, cada um, sua carteirinha de identificação. Nesta época contou com o apoio do Padre Vicente Rodrigues e como sempre, da grande Amiga – D. Dora.

Participou, com muita alegria, juntamente com alguns membros do Sindicato, na capital mineira, do I Congresso dos Trabalhadores Mineiros, época em que foram recebidos, no Palácio da Liberdade, pelo Governador de Estado, – Sr. Magalhães Pinto. Voltou à luta, ainda mais encorajado e disposto a organizar o grupo, cada vez mais, para conseguirem um lugar ao sol. Já, nesta época, lutavam ardentemente pela aposentadoria do homem do campo.

Continuou firmemente até o dia 31 de março de 1964, quando foi preso, em sua casa, levado para o 7º Batalhão, de onde foi transferido para Belo Horizonte e em seguida para Neves. Esteve preso durante dois meses e dez dias, de onde conseguiu tornar-se livre, com a ajuda de um grande Amigo (Irã Pessoa). Tornou-se um homem calado, triste e às vezes apagado, sem vontade de falar ou opinar sobre qualquer assunto.

Morreu em 19 de novembro de 1973, quando voltava de mais um dia de serviço no campo.

Informe Especial

Brizola parte prá briga e garante: Fico no Governo para ser fiscal do Sarney. Em Minas vamos vencer com Itamar

O Rio de Janeiro é um caldeirão e não posso me afastar das responsabilidades que me foram atribuídas pela população. Só um grande terremoto poderia me afastar do meu posto de Governador. Minha missão é continuar defendendo o interesse do povo do Rio de Janeiro. Sobretudo neste momento em que estamos sob o fogo cruzado do Governo Federal, numa hora em que somos violentamente discriminados pelo Presidente José Sarney. Só um terremoto político me levaria a deixar o meu posto para descer para o campo raso da luta.

As declarações acima foram prestadas pelo Governador Leonel Brizola em entrevista coletiva concedida na sede do PDT em Belo Horizonte, na presença das principais lideranças do Partido, por ocasião da formalização de filiações de centenas de políticos que, às vésperas do prazo fatal para a mudança de partidos, agora estão integrados aos quadros do partido liderado pelo Governador do Rio de Janeiro. A presença de Brizola serviu ainda para animar os partidários da candidatura do Senador Itamar Franco ao Governo de Minas, com total apoio e envolvimento dos pedetistas.



Como metralhadora giratória, Brizola dispara sua críticas contra o pacote, contra Sarney e não perdoa nem o Dr. Ulisses Guimarães.

Sem medo de cara feia

Brizola, com muito talento, transformou a entrevista coletiva num grande comício e aproveitou a presença de seus correligionários para tecer severas críticas ao Governo Federal e em especial ao Presidente José Sarney, a quem o Governador do Rio de Janeiro atribui graves responsabilidades pelos prejuizos causados ao povo. Para ser mais explícito, Brizola lembra que o Presidente Sarney foi a Campos, onde publicamente assumiu o compromisso de se tornar o guardião dos interesses populares apoiando o pagamento de royalities aos estados produtores de petróleo. Agora, denuncia Brizola, Sarney ao invés de outorgar a lei neste sentido, propõe que o assunto seja objeto de discussão no Congresso. O que demonstra que o assunto não será resolvido e poderá ser indefinidamente adiado com graves prejuízos para a economia do Rio de Janeiro. Na verdade, complemente Brizola, o Presidente ficará muito mal perante a população por ter faltado ao compromisso assumido publicamente.

Não temos medo de cara feia. Mas não aceitaremos que o povo seja discriminado. Muito menos o povo do Rio de Janeiro que tem sido generoso e que está ao nosso lado na defesa de seus interesses. Não acredito que possamos sofrer discriminações maiores. Mas estamos preparados para a luta. Acho que não existem avalanches políticas que nos coloquem em perigo. O PDT está muito forte no Rio de Janeiro.

Pretendo continuar minha missão. Como já disse anteriormente apoiamos a parte boa do pacote econômico do Governo. Porque qualquer administrador sério, qualquer governo teria de fazer alguma coisa. Mas se apoiamos o congelamento de preços, repudiamos as medidas que instauraram o confisco salarial. Novos sacrifícios foram impostos aos trabalhadores. O pacote deveria penalizar aqueles que durante mais de duas décadas se beneficiaram e enriqueceram às custas do suor e do sacrifício do nosso povo.

Tenho certeza, assinalou Brizola, que Tancredo Neves não assinaria o decreto como ele foi adotado. Getúlio Vargas e Jango muito menos. Nem Juscelino. O pacote econômico, disse Brizola, é como uma pedra de sal amargo envolvida em açúcar com chocolate. A casca é o congelamento de preços. Mas os sacrifícios serão partilhados por aqueles que agora deveriam ser beneficiados. Mas este Governo não defende a economia e o interesse popular.

Nós do PDT, lembrou Brizola, também ajudamos a eleger o Dr. Tancredo e nem chegamos a discutir o apoio a José Sarney porque a chapa era vinculada e nós campanha das diretas que desestabilizamos o Governo militar. Todos ainda podem se lembrar de que na Candelária tinha mais de um milhão de pessoas clamando pelas diretas. O que aconteceu? Acabamos ficando com o Sarney.

Serei fiscal do Presidente

Por isto vou continuar no Governo do Rio de Janeiro para exercer uma missão muito importante: serei fiscal do Sarney. Continuaremos questionando a política federal.. Porque de nada adianta sermos a oitava economia do mundo se a renda e o poder aquisitivo da população estão diminuindo? Não permitiremos que o povo tenha de enfrentar mais sacrifícios para encher as burras das grandes empresas.

O atual governo é biônico, não tem respaldo e nem legitimidade conferida pelo voto popular. Tenho visão estratégica. Sei perfeitamente que representamos a continuidade da história. Estamos construindo um Partido e o povo brasileiro precisa de um partido que defenda seus interesses. Queremos chegar ao poder e não tomar o poder. É por isto que estamos lutando para consolidar e fortalecer o nosso partido. Aqui em Minas, concluiu Brizola, vamos ter maior densidade. Sairemos vitoriosos nas eleições de 15 de novembro porque PMDB nadou durante vinte anos, atravessou o oceâno e morreu na praia. O Dr. Ulisses agora está carregando o andor de um governo que é dominado pelos antigos dissidentes do PDS. Claro que o PMDB vai sofrer muito desgaste. Já temos bases fortes no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, em Pernambuco, no Paraná, no Acre, no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul e no Maranhão.

Aqui em Minas Gerais, com Itamar Franco, vamos ter maior densidade. Vamos avançar. Somos a continuidade da história e amanhã seremos exatamente o

Newton Cardoso, com discurso oposicionista, afirma em Bom Despacho que será Governador para cumprir os ideais e o programa do PMDB

A minha candidatura está engasgando muita gente. Porque venho para dizer basta a uma série de desmandos que continuam sendo praticados contra o povo. Minas Gerais hoje é um Estado endividado até a medula e continua doando sua riqueza mineral para as empresas multinacionais que aqui deixam desolação e pobreza. Como acontece com o nióbio de Araxá, que foi entregue a uma multinacional norte-americana com apoio do deputado Rondon Pacheco, quando esteve no Governo de Minas.

Numa linguagem dura, de muita crítica aos que pretendem reeditar o famoso "Acordo de Minas", o Prefeito de Contagem, Newtom Cardoso, afirmou em 26 de abril, em Bom Despacho, que seu nome será levado a convenção do PMDB e que sua candidatura ao Governo de Minas representa hoje o compromisso de defender o interesse dos mineiros contra os grupos que se apropriam do patrimônio coletivo para utilizá-lo em benefício próprio. O pronunciamento foi feito na presença de líderes políticos do Centro-Oeste, em reunião de debates programada pelo diretório municipal do PMDB de Bom Despacho.



Newton Cardoso garante: ninguém me afasta da luta

Catilinária

No momento em que muitos políticos demonstram timidez e cautela, diante da possibilidade de O Governador Hélio Garcia fazer o candidato a própria sucessão, o Prefeito de Contagem mostra muita disposição para disputar a convenção do PMDB e o seu discurso ganha nítido sentido de oposição aos entendimentos que se processam entre o Governador de Minas e o Ministro de Minas Energia, Aureliano Chaves.

Quando denuncia os equívocos da política mineral brasileira, Newton Cardoso coloca o Ministro de Minas e Energia e o Governador do Estado na defensiva.

Precisamos ver melhor o exemplo de São Paulo. Devemos deixar de lado a pregação política para fazermos um discurso social econômico, sugere o Prefeito de Contagem. O acordo com o PFL e com o PDS hoje representa uma trama contra o PMDB. Os que desejam continuar no poder que enfrentam a disputa eleitoral e busquem apoio no povo. Os acordos de cúpula não interessam ao povo mineiro.

Não podemos permitir que Minas continue entregando 70 milhões de toneladas de minério de ferro e que apenas uma parcela insignificamente de impostos fique em nosso Estado. Os paulistas estão certos. São Paulo não faz discurso político. Por isto mesmo eles controlam o Ministério da Fazenda, a Secretaria do Planejamento, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Precisamos aprender com eles.

Minas Gerais hoje é um Estado empobrecido. Não pode pagar direito suas professoras, seus funcionários e a nossa riqueza continua sendo exportada. Não é apenas a riqueza mineral que as multinacionais carregam. Na agricultura também a situação é preocupante. A soja está sendo plantada por gananciosos que não se preocupam com o estômago do nosso povo. Devemos mudar as prioridades e garantir a produção da nossa agricultura de subsistência Precisamos assegurar subsídios para os que trabalham no campo.

Denúncias

Newton Cardoso foi particularmente duro com a estrutura bancária e acusou os bancos estaduais de pouco se preocuparem com o incentivo da produção. Lembrou ainda que a maioria das obras realizadas no Estado são feitas com recursos externos. Sobretudo com apoio do Banco Mundial. Lembrou que a situação é tão grave que o Brasil corre o risco de importar aço dentro de quatro anos.

O Prefeito de Contagem assinalou que o PMDB, que sempre criticou os desmandos do passado, deve mostrar os erros do presente para evitar que eles comprometam o futuro. Disse ainda que em nome do antigo MDB muita coisa precisa ser modificada.

Sou homem do Oeste. Sou hóspede permanente desta região que conheço muito bem. Confio no apoio que receberei das mais diversas regiões do Estado. Porque esta convenção será diferente. Nós, que criticamos o autoritarismo, vamos exigir respeito ao passado de luta do nosso Partido.

Minas Gerais deu tudo de sí para promover a transição democrática. Seu filho foi sacrificado em holocausto e não podemos permitir que o sacrifício se torne uma carga permanente para os nossos irmãos.

Aqui nesta corajosa e altaneira cidade de Bom Despacho, disse Newton Cardoso, quero deixar bem claro que vou à convenção e que me tornarei Governador de de Minas, para governar com três bandeiras. A bandeira do Brasil, a bandeira de Minas e a bandeira do PMDB. Vamos governar juntos e promover as mudanças que o povo exige.

AOS NOSSOS LEITORES



Em nossa edição de abril, na página 2, publicamos comentário, com informações, sobre violência cometida por policiais civis contra menores em nossa cidade. Tomamos o cuidado de ouvir as partes envolvidas, inclusive o delegado regional da Secretaria de Segurança, Dr. Thale Gontijo Queiroz. Nossa reportagem não foi objeto de questionamento. Mas a ilustração que publicamos na primeira página não corresponde ao texto jornalístico. A imagem da Polícia Militar, neste episódio, ficou comprometida por causa de um equívoco nosso. A Tribuna Bondespachense errou.

Dona Dora, ativista,
Lutando pelos sonho

Sou filha de Frederico Seidler e de Antônia Seidler. Nasci na cidade de Schleswig Holstein, na província de Pinneberg, no dia 4 de julho de 1906, no dia da independência dos Estados Unidos, o famoso "Independence day". Eu já tinha parentes nos Estados Unidos.

Minha mãe era polonesa e meu pai alemão. Meu pai tinha uma oficina de ferreiro e era oficial aposentado da marinha. Ele havia participado da guerra dos Boxers e foi ferido na muralha da China onde quebrou a perna.

Vivi na Alemanha até os 14 anos, onde pude freqüentar a escola primária e secundária durante 8 anos. Tínhamos uma vida modesta mas muito tranqüila. Nossa casa era muito agradável. Como a maioria das casas, tínhamos um quintal com horta, verduras e legumes e muitos animais que eram criados para o consumo da família. Éramos praticamente autosuficientes. Grande parte de nossa alimentação era produzida com o nosso trabalho. Nossa educação voltada para uma atividade produtiva era complementada com os cursos de croché e tricó que aprendíamos na escola.

Éramos três filhas. Ellie e Frieda, minhas irmãs, viviam a mesma correria de uma infância sem maiores problemas numa região muito bonita, com muitas festas populares e muitas reuniões em casas de amigos e parentes. A Alemanha de nossa infância era linda. Um país repleto de bosques, pássaros e flores prá todo lado. Cada estação tinha seu charme e suas atrações. Até que um dia veio a mais terrível de todas as catástrofes: A Guerra.

O velho Frederico Seidler era um homem sábio. Era também um crente. Em sua casa e em muitas residências de seus vizinhos, em plena guerra, todos dançaram e cantaram para comemorar um dos mais importantes acontecimentos deste século: a Revolução Russa, em novembro de 1917. Frederico Seidler, como Frederico Engels, Carl Marx e Rosa de Luxemburgo Karl Sichknecht sonhava com um mundo diferente. Sem lugar para a guerra, onde os homens e mulheres pudessem viver em paz. Eram todos comunistas. A vitória dos bolquevistas, comandados por Lenine e Trotski, na Rússia era motivo de muita alegria para as camadas trabalhadoras do mundo inteiro.

Mas o velho Frederico não era apenas sábio. Era sábio, experiente e muito intuitivo. A violência gerada na primeira guerra não terminaria sem deixar sequelas terríveis. Como a violência gera a violência, Frederico Seidler temia a eclosão de uma nova guerra. Uma guerra que poderia ser ainda mais cruel. Porque a corrida armamentista não fora definitivamente freada.

Naqueles tempos difíceis, a Alemanha vivia em busca de novos caminhos. A guerra provocara traumas terríveis. A derrota não fora assimilada e o povo amargava muito sofrimento. As condições para o surgimento de aventureiros se criavam e as feridas não cicatrizadas ainda poderiam levar muita gente a pensar numa revanche e uma nova guerra poderia ser instaurada.

Muita gente, percebendo o clima de uma Alemanha frustrada, pensava em buscar um canto para viver em paz. O Eldorado, a esperança, o sonho, a fantasia, tudo estava do outro lado do Oceano Atlântico, Brasil.

A imprensa alemã divulgava todas as informações sobre oportunidades de trabalho noutros países. Foi através do jornal que Frederico Seidler tomou conhecimento da oportunidade de emigrar para o Brasil. Meu pai falou, vai haver uma outra guerra que é muito pior que aquela que passou, vamos imigrar para o Brasil (E foi terrível a 2ª guerra.

O Brasil era apresentado como uma terra da promissão. Havia ainda a disposição governamental de apoiar os estrangeiros que se dispusessem a participar do esforço de desenvolvimento do país. As perspectivas eram boas e o velho Frederico Seidler resolveu trocar a insegurança na Alemanha pela aventura no Brasil.

Antes de partir, Frederico tomou uma série de providências. Deixou a vida bem organizada. Havia sempre a possibilidade das coisas não darem certo. Por isto mesmo não vendeu a casa e tudo ficou organizado como se a família partisse para uma longa viagem de férias. Para um país onde o verão é quase permanente.

No dia 19 de janeiro de 1920, do porto de Rotterdam, na Holanda, os Seidler partiram para o Brasil no navio *Avaré*. Foram três meses de viagem em alto mar. O navio fazia uma rota especial para fugir das minas que ainda não haviam sido desativadas. A guerra era um transtorno permanente na vida dos europeus.

No início de abril os alemães desembarcam no Rio de Janeiro. A viagem não fora tão tranqüila. Muitas crianças morreram na travessia e foram sepultadas nas ondas azuis e profundas do oceano Atlântico. Era a semente frágil que deveria germinar na terra nova, vitimada pela desidratação. Chegando ao Rio, para evitar problemas de contaminação, os alemães ficaram de quarentena na Ilha das Flores.

Depois começou outra etapa da viagem. Agora era preciso romper a serra e pegar os caminhos de Minas. Para um lugar perdido prás bandas de São Domingos do Prata. Um lugar chamado Guidoval.

A fantasia durou pouco. Muitos dos alemães não podiam mesmo sobreviver naquelas condições. Quem trabalhava na indústria, no comércio e na prestação de pequenos serviços ficava em pânico. Mesmo para os que possuiam experiência na agricultura a situação era muito penosa. A terra não era das melhores. Tratava-se de uma agricultura muito primitiva. Quase tudo se produzia com o trabalho dos homens e dos animais. Aquela colônia era uma desesperança para quase todos.

Os colonos voltaram a Belo Horizonte e posteriormente foram encaminhados para uma cidade no oeste. Numa colônia denominada David Campista, no município de Bom Despacho. Os alemães foram instalados em duas colônias. A outra ficava no distrito de Álvaro da Silveira.

Na colônia David Campista haviam 50 lotes para as famílias que lá se instalaram. As casas foram construídas pelo Governo Estadual. Eram casas muito boas para a época. Bem arejadas, com três quartos, sala, cozinha, banheiro e uma privada fora de casa.

Apesar das dificuldades a colônia passou a ter vida própria. Houve um tempo de muita alegria. Alguma coisa começou a ser produzida. Veio um tempo de fartura relativa. Começaram as festas e um pouco da alegria de outros tempos tomavam conta dos colonos. Muitos deles já habituados com o gosto e o sabor da boa cachaça brasileira. Claro que havia gente que preparava uma boa cerveja caseira. E não faltavam músicos para animar as festas. A fama dos alemães era tanta que eles foram convidados para cantar no coral da igreja. Muitos não eram católicos. Eram de origem luterana mas alegraram e embelezaram muitas cerimônias religiosas organizadas pela paróquia.

Fiquei na Colônia até 1925. Depois fui para o Rio de Janeiro onde trabalhei como governanta na casa do filho de Paulo Bittencourt da família proprietária do jornal "Correio da Manhã". Morávamos no Copacabana Pálace Hotel. Fiquei cerca de dois anos no Rio e depois passei uns tempos em São Paulo onde reencontrei amigos da Colônia. Fiquei muito alegre.

Elli veio dos Estados Unidos

Em 1929 minha irmã foi passear em Bom Despacho. Fui com ela. Ficamos um tempo por lá e voltamos ao Rio e Elli voltou para os Estados Unidos, onde reside até hoje

Em 1932 fui novamente a Bom Despacho. O único sujeito que tinha um carro de aluguel na cidade era o Bruno, também alemão e que rodava prá todo lado com a gente. Eu havia conhecido o Bruno numa festa na colônia. Ele havia me escrito uma carta quando estava no Rio. Quando cheguei a Bom Despacho ele foi direto e incisivo: "Dora, quero me casar com você".

Não deu outra coisa. Em 14 de maio de 1932 nos casamos. Meu marido era um excelente torneiro mecânico, bombeiro, eletricista. Tinha uma grande experiência porque havia trabalhado na Krupp e tinha uma formação profissional adquirida na Alemanha. Foi um homem que trabalhou muito em Bom Despacho. Foi o pioneiro da ligação e distribuição de água na cidade. Foi ele quem começou e realizou o trabalho de abastecimento d'água do Batalhão e quem cuidou da instalação da caixa d'água da Cruz do Monte. O Bruno formou mais de 100 profissionais de mecânica, eletricidade e prestação de serviços técnicos em Bom Despacho. Quando nos casamos, a gente morava ali na atual Praça Inconfidência, onde havia uma Igrejinha do Jardim Sem Flor. Em 34 mudamos para Av. das Palmeiras com Av. Rio Branco.

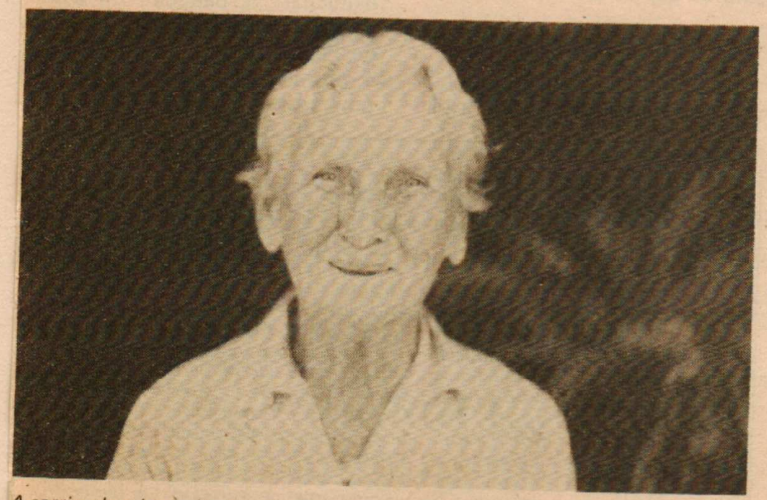
Tivemos cinco filhos. Siegfriedl Lourival Kohnert Seidler, Bruno Gustavo Frederico Kohnert Seidler, Elfrida Maria Antônia Kohnert Seidler, Errol Teodoro Kohnert Seidler e Maria Antônia Kohnert Seidler. Elfrida morreu aos dois anos. Os demais cresceram e alguns estão esparramados, trabalhando e vivendo noutras cidades. O Errol e o Siegfriedl em Brasília, o Bruno Gustavo – o Bubu aqui em Bom Despacho – e a Maria Antônia em Belo Horizonte.

Apesar das dificuldades vivi bons tempos na colônia. Me lembro da grande festa que fizemos na inauguração da nossa escola.

Teve música e dança a noite inteira. Os bailes na colônia eram animadíssimos. Depois a colônia foi perdendo a vida. Muita gente se mudando para outras paragens. Muitos de nós com dificuldades de inserção na vida social da cidade.

Me lembro também do padre Nicolau. Era um homem de muita presença e liderança. Me lembro que o carnaval era uma festa realizada com a participação do povo e muita animação nas ruas. Ao redor da igreja era o ponto alto da animação. Tudo sob as vistas do vigário.

Pena que no dia 8 de outubro de 1985 o Bruno tenha partido. Foi um companheiro notável. Durante mais de 50 anos partilhamos nossos melhores e piores momentos. O Bruno era uma figura humana fantástica. Trabalhador, sério, desprendido, alegre. Tenho por ele a maior admiração e o mais profundo afeto. O Bruno está sepultado em nosso cemitério "Imigrantes da Colina", na colônia. Tenho procurado cuidar desta nossa derradeira residência na terra.



A sorrir, ela sabe muito bem levar a vida

Pague seus impostos em dia. A Administração Célio Luquine e a Comunidade agradecem

CÂMARA MUNICIPAL DE BOM DESPACHO

Nº

Assunto: PROPOSIÇÃO DE LEI Nº 53/88

Serviço:

"Dá a denominação de Rua José Pedro Barbosa à atual Rua Ramal - Bairro Santa Angela".

O Povo do Município de Bom Despacho, por seus representantes, decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º- Passa a denominar-se RUA JOSÉ PEDRO BARBOSA, à atual Rua Ramal do Bairro Santa Angela, abaixo da linha férrea.

Art. 2º- O Poder Executivo providenciará a colocação de placas indicativas, bem como a devida comunicação à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Art. 3º- Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º- Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, em 24 de outubro de 1988.

PRESIDENTE Alcindor Rodrigues da C.
Alcindor Rodrigues da Costa

VICE = PRESIDENTE Célia Maria de Assunção.
Célia Maria de Assunção

SECRETÁRIO Francisco José de Oliveira Jun
Francisco José de Oliveira Júnior

CÂMARA MUNICIPAL DE BOM DESPACHO

CÂMARA MUNICIPAL DE BOM DESPACHO

COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO, FINANÇAS E ORÇAMENTO
COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO.

Parecer Conjunto ao Projeto de Lei - nº 53/88, que dá a denominação de Rua José Pedro Barbosa à atual Rua Ramal no Bairro Sta. Angela.

Nos termos do Art. 13 inciso XV do Regimento Interno, compete a Câmara Municipal a apreciação e votação do referido projeto.

Somos pela sua aprovação.

Sala das Comissões, em 17.10.88

Antônio Dimas de Fazzio
João Heleno do Couto
Carlos Roberto Costa
Francisco José de Oliveira Jr.

CÂMARA MUNICIPAL DE BOM DESPACHO

COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO, FINANÇAS E ORÇAMENTO

COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO.

Parecer Conjunto ao Projeto de Lei - nº 53/88, que dá a denominação de Rua José Pedro Barbosa à atual Rua Ramal no Bairro Sta. Angela.

Nos termos do Art. 13 inciso XV do Regimento Interno, compete a Câmara Municipal a apreciação e votação do referido projeto.

Somos pela sua aprovação.

Sala das Comissões, em 17.10.88

CÂMARA MUNICIPAL DE BOM DESPACHO

PROJETO DE LEI Nº 53/88

"Dá a denominação de Rua José Pedro Barbosa à atual Rua Ramal - Bairro Santa Ângela".

O Povo do Município de Bom Despacho, por seus representantes, decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Passa a denominar-se RUA JOSE PEDRO BARBOSA, à atual Rua Ramal do Bairro Santa Ângela, abaixo da linha férrea.

Art. 2º - O Poder Executivo providenciará a colocação de placas indicativas, bem como a devida comunicação à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, em 03 de Outubro de 1.988

JOSE REZENDE DE SOUZA
Vereador

IRAS

CÂMARA MUNICIPAL DE BOM DESPACHO

PROJETO DE LEI Nº

"Dá a denominação de Rua José Pedro Barbosa à atual Rua Ramal - Bairro Santa Ângela".

O Povo do Município de Bom Despacho, por seus representantes, decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Passa a denominar-se RUA JOSÉ PEDRO BARBOSA, à atual Rua Ramal do Bairro Santa Ângela, abaixo da linha férrea.

Art. 2º - O Poder Executivo providenciará a colocação de placa indicativa, bem como a devida comunicação à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, em 07 de Outubro de 1.988

JOSÉ HENRIQUE DE SOUZA
Vereador

CÂMARA MUNICIPAL DE BOM DESPACHO

PROJETO DE LEI Nº

"Dá a denominação de Rua José Pedro Barbosa à atual Rua Ramal - Bairro Santa Ângela".

O Povo do Município de Bom Despacho, por seus representantes, decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Passa a denominar-se RUA JOSE PEDRO BARBOSA, à atual Rua Ramal do Bairro Santa Ângela, abaixo da linha férrea.

Art. 2º - O Poder Executivo providenciará a colocação de placas indicativas, bem como a devida comunicação à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, em 03 de Outubro de 1.988

José Rezende de Souza

JOSE REZENDE DE SOUZA
Vereador

IRAS

DESPACHOS PELA PRESIDÊNCIA:

1 - EM 03/10/88 às comissões de Legislação, Finanças e Orçamento - Justiça e Redação para o devido parecer.

RUBRICA

2 - EM 17/10/88 Aprovado por unanimidade em 1ª e 2ª votação de acordo com artigo 181 - P. 3º - R.I.; a pedido do vereador José Rezende.

RUBRICA

3 - EM 24/10/88 Aprovado por unanimidade em 3ª e última votação

RUBRICA

4 - EM____/____/____

RUBRICA

5 - EM____/____/____

RUBRICA

6 - EM____/____/____

RUBRICA

7 - EM____/____/____

RUBRICA